

O CÂNION DAS SEQUÓIAS

Cassandra Lindell

Meu avô cheirava a couro velho, terra fresca e suor. Usava camisa de algodão de manga curta, jeans presos por suspensórios e loção pós-barba Mennen. Quando eu era bem pequena, o chapéu de sua preferência era um que meu irmão e eu chamávamos de "chapéu de safári" - com copa cinza de plástico rijo e aba costurada com perfeição.

Vovô sempre achou que os cavalos eram essenciais à vida e colocou-me em cima deles desde tenra idade. Até hoje, quando estou montada em um cavalo, sinto-me importante e especial; a companhia de vovô também me dava essa mesma sensação. Acho que ele sempre soube que um dia me levaria ao Cânion das Sequoias e me mostraria que seu coração ainda pertencia àquele lugar. Quando ele e vovó se casaram, costumavam passar o verão nas Sierras.

Lembro-me do som dos cascos batendo no metal quando retiramos os cavalos do trailer para aquela primeira cavalgada no Cânion das Sequoias. Lembro-me do cheiro de couro e estrume que sentíamos enquanto colocávamos as selas nos animais. Ben resfolegava e fungava de satisfação, dançando na poeira.

Enquanto cavalgávamos, vovô apontou para os morangos silvestres ao longo da trilha; eu não tinha ideia de que eram tão pequeninos assim. Teriam passado despercebidos para mim.

Vovô conhecia a diferença entre o som da água gotejando ao longe e o som do vento batendo nas árvores. Eu não conhecia. Certa vez, achei que estava ouvindo som de vento. Vovô sorriu.

- Não é. Venha comigo.

Ele desceu a colina, saindo da trilha. Eu o acompanhei, sem saber para onde estava indo.

Logo depois, ele parou e empurrou para trás a aba de seu chapéu estilo cowboy. Puxei Ben para perto de mim e acompanhei o olhar de vovô.

Até hoje, nunca vi um lugar mais tranquilo que aquele. Abaixo de nós, um riacho corria sinuosamente pelas samambaias e lírios silvestres, caindo a uma altura de três metros, para formar uma piscina de água cristalina. Ao lado da piscina, havia uma praia arenosa e uma tora caída. Pensei no Jardim do Éden. Sentamo-nos ali, por um bom tempo, tempo suficiente para que a imagem ficasse gravada para sempre em minha mente. Quando necessito de alguns momentos de paz, fecho os olhos e vejo aquela piscina de água cristalina. Mais adiante na trilha, uma clareira no meio da mata fez brotar um grande sorriso nos cantos da boca de meu avô. Diante de nós, estendia-se uma praia com pedras do tamanho da mão fechada. Um riacho, tentando passar despercebido, seguia seu caminho por entre as pedras, antes de juntar-se ao outro, logo depois de passar pela clareira.

- Vamos acampar, montar nossa barraca ali. Sua avó estendeu um varal entre aquelas duas árvores... Acertei a cabeça de um cervo no alto daquele morro com um tiro.

Vovô reviveu para mim um mundo esquecido no passado.

- Há um riacho subterrâneo que corre bem ali - disse vovô, apontando novamente para um determinado lugar.

- Como você sabe?

- Veja aquela fileira de árvores novas. As sementes que caem crescem onde existe água.

De repente, quando a trilha começou a serpentear pela montanha, ficamos frente a frente com uma árvore caída no meio do caminho. Era uma sequoia. Uma árvore gigantesca. A árvore caída tinha, no mínimo, quatro metros de diâmetro - o que significava uma parede de quatro metros à nossa frente. Os galhos emaranhados pendiam na encosta do morro. Acima de nós havia-se formado um enorme buraco na terra, no lugar das imensas raízes.

Fiquei assustada. Teríamos de voltar. Vovô sentou-se e olhou para a árvore. Eu olhei para ele.

- Vamos ter de voltar? - perguntei, desapontada.

Ele continuou sentado, olhando para a árvore caída. Em seguida, com a rapidez de um raio, vovô rodopiou com o cavalo, cutucou-o com os calcanhares e gritou por cima do ombro:

- Vamos!

Vi seu cavalo escorregar nas folhas caídas e nos espinhos enquanto eles subiam a montanha. Eu não conseguiria subir aquela montanha.

Eu cairia. O cavalo cairia. Nós dois cairíamos.

O problema, porém, era que eu conhecia meu avô - ele aguardaria o dia inteiro no topo da montanha, se fosse necessário, até que eu o seguisse. Ele era conhecido por sua tenacidade. Vovô nunca desistiu da ideia de que o melhor caminho para aprender é tentar o impossível.

- Vamos! - Era a voz de vovô gritando novamente para mim. Deixe que o cavalo encontre o caminho. Se você não quer cair, ele também não vai querer cair.

Eu sabia que podia confiar em meu avô. Afinal de contas, ele passara a vida inteira no lombo de um cavalo e conhecia muito bem as montanhas.

Por isso, fiz a única coisa que podia: Agarrei-me na sela, soltei as rédeas - e fechei os olhos com força enquanto cutucava o cavalo com os calcanhares.

Ben saltou para a frente, subindo a montanha com dificuldade.

Foi uma cavalgada acidentada. Depois de alguns segundos, senti seus passos macios e abri os olhos. Lá estava meu avô, feliz, piscando para mim com seu rosto enrugado.

- Você fechou os olhos? Então, perdeu a melhor parte da cavalgada!

Aprendi muitas coisas naquele dia e em outras cavalgadas pelo Cânion das Sequoias. Ainda vejo, com muita frequência, a imagem daquela gigantesca sequoia atravessada na trilha. A vida também é assim. Seria ótimo para todos nós se houvesse apenas morangos silvestres e piscinas de água cristalina. Porém, deparamo-nos muitas vezes com lugares onde existe uma enorme árvore caída atravessando a trilha. Ela surge de repente, e ficamos diante de um terrível impasse.

Lembro-me também da alternativa que meu avô me ensinou. Posso desistir e retornar triste e derrotada - ou posso perseverar, soltar as

rédeas e seguir Aquele que conhece o caminho para contornar qualquer obstáculo. A fé é assim.

E se mantivermos os olhos abertos? Não perderemos as melhores partes.